

NICK HORNBY

Funny Girl

Romance

Tradução

Christian Schwartz



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © Nick Hornby, 2015
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Funny Girl

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Ilustração de capa

Sattu Rodrigues

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Thaís Totino Richter

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hornby, Nick

Funny girl: Romance / Nick Hornby ; tradução Christian
Schwartz — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: Funny Girl.

ISBN 978-85-359-2556-2

1. Ficção inglesa I. Título.

15-00855

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

TESTE

1.

Ela não queria ser uma miss, mas era nisso que o acaso estava prestes a transformá-la.

Houve alguns minutos dispersivos entre o desfile e o anúncio do resultado, de modo que amigos e familiares rodeavam as garotas dando os parabéns e cruzando os dedos. Os pequenos grupos que se formavam fizeram Barbara pensar em bala de alcaçuz: no centro, uma moça de maiô rosa ou azul salpicado de brilhantes feito açúcar, e ao redor as camadas de marrom ou preto dos sobretudos. Era um dia frio e úmido de julho nas piscinas públicas de South Shore, e as candidatas tinham os pelos dos braços e das pernas descoloridos e arrepiados. Lembravam os perus expostos num açougue. Só em Blackpool, pensou Barbara, alguém podia ganhar um concurso de beleza com aquela aparência.

Barbara não tinha convidado nenhum amigo, e seu pai se recusava a chegar mais perto, então ali estava ela, parada, sozinha. Ele continuou simplesmente sentado numa das espreguiçadeiras, fingindo que lia o *Daily Express*. Os dois teriam formado uma bala de alcaçuz avariada, metade mordida, mas mesmo assim ela gostaria da companhia do pai. Por fim, foi até onde ele estava. Sair de perto das outras garotas fez com que se sentisse seminua e desconfortável, em vez de glamorosa e ativa, e teve de cruzar uma porção de espectadores assoviando no caminho. Quando chegou ao pai, do lado mais raso das piscinas, provavelmente falou com mais rispidez do que pretendia.

“O que você está fazendo?”, ela cochichou entre os dentes.

As pessoas sentadas por perto, entediadas, na maioria idosos em férias, de repente ficaram tensas de emoção. Uma das moças! Bem ali na frente! Dando bronca no pai!

“Ah, oi, querida.”

“Por que não vem ficar comigo lá?”

Ele a encarou como se ela tivesse lhe perguntado o nome do prefeito de Tombuctu.

“Não viu o que todo mundo está fazendo?”

“Vi. Mas não me pareceu certo. Não pra mim.”

“O que o senhor tem de tão diferente?”

“Um homem sozinho, andando... solto no meio de um monte de moças com tão pouca roupa. Eu ia acabar preso.”

George Parker tinha quarenta e sete anos, era gordo e, embora não tivesse direito a isso, velho. Fazia mais de dez anos que estava solteiro, desde que a mãe de Barbara o havia deixado pelo gerente dela no escritório da Receita, e a filha podia ver que bastaria se aproximar das outras garotas para que o pai sentisse sua condição de forma aguda.

“Ora, e precisa ficar andando por lá?”, perguntou Barbara. “Não pode só ficar parado, conversando com sua filha?”

“Você vai ganhar, não vai?”, ele disse.

Ela tentou não ficar vermelha e não conseguiu. O pessoal que conseguia ouvir a conversa já tinha abandonado qualquer simulação de tricô ou leitura de jornal. Estavam todos boquiabertos olhando para ela.

“Ah, não sei. Acho que não”, ela disse.

A verdade era que sabia, sim. O prefeito tinha se achegado e sussurrado “parabéns” no ouvido dela, dando-lhe palmadinhas discretas na bunda.

“Larga mão. Você é mais bonita que todas as outras, de longe. Quilômetros.”

Por alguma razão, e ainda que aquilo fosse um concurso para eleger a mais bonita, a superioridade da beleza dela parecia irritá-lo. Nunca tinha gostado que se exibisse, mesmo quando era para os amigos e a família rirem de alguma encenação em que se fazia de sonsa, boba ou atrapalhada. Ainda assim era se exhibir. Ali, porém, onde se exhibir era tudo, era só o que interessava, Barbara achou que ele talvez a desculpasse, mas nada feito. Se tinha mesmo que entrar num concurso de beleza, ele parecia estar dizendo, podia pelo menos ter a decência de ser a mais feia de todas.

Ela fingiu que o que ouvia era orgulho paterno, de modo a não confundir a plateia.

“É maravilhoso ter um pai cego”, disse à audiência boquiaberta. “Todo mundo devia ter um.”

Não era a melhor das tiradas, mas, ao dizê-la com a cara totalmente séria, ela ganhou uma risada maior do que merecia. Às vezes o que funcionava era a surpresa, e às vezes as pessoas riam porque estavam prontas para isso. Ela entendia os dois tipos de riso, pensava, mas para quem não levava a coisa a sério provavelmente era confuso.

“Não sou cego”, disse George, monótono. “Veja.”

Ele se virou e arregalou os olhos para todo mundo que prestava atenção.

“Pai, o senhor tem que parar com isso”, falou Barbara. “Assusta as pessoas, um cego de olho arregalado desse jeito.”

“Você aí...” O pai apontou, mal-educado, para uma mulher de sobretudo verde. “Está de sobretudo de verde.”

A senhora na espreguiçadeira ao lado começou a aplaudir, sem muita convicção, como se George tivesse se curado, naquele segundo, de uma doença de uma vida inteira, ou tivesse feito um truque de mágica.

“Como eu saberia disso, se fosse cego?”

Barbara podia perceber que ele estava começando a se divertir. Muito ocasionalmente era possível convencê-lo a servir de escada numa esquete, e ele talvez tivesse continuado indefinidamente a descrever o que via, não fosse o hã-hã do prefeito, que voltava ao microfone.

Foi tia Marie, irmã do pai dela, quem sugeriu que Barbara se candidatasse a Miss Blackpool. Marie apareceu para o chá, num sábado à tarde, porque por acaso passava por ali, e casualmente tocou no assunto durante a conversa, então — como se tivesse acabado de lhe ocorrer — perguntou a Barbara por que ela nunca havia se candidatado, enquanto o pai, sentado lá, concordava com a cabeça, fingindo estar admirado com aquela ideia brilhante. Barbara ficou confusa por um ou dois minutos, até se dar conta de que os dois tinham elaborado um plano. Até onde ela podia perceber, o plano era este: Barbara entrava no concurso e ganhava, então esqueceria aquele negócio todo de se mudar para Londres, porque não haveria mais necessidade. Ela seria famosa na própria cidade, e quem ia querer mais do que isso? Depois poderia tentar o Miss Reino Unido, e, se não desse certo, poderia

simplesmente se casar, o que seria meio que outro tipo de coroação. (O que, Barbara estava segura, também fazia parte do plano do concurso de beleza. Marie tinha suas restrições a Aidan, achava que ela podia conseguir alguém muito melhor, ou mais rico, enfim, e uma miss ganhava o direito de escolher. Dotty Harrison havia se casado com um sujeito que era dono de sete lojas de tapetes, e isso apenas com um terceiro lugar.)

Barbara sabia que não queria ser miss por um dia, ou mesmo por um ano. Não queria ser miss em hipótese nenhuma. Só queria ir para a televisão fazer as pessoas rirem. Uma miss nunca era engraçada, não as de Blackpool, pelo menos, nem as do resto do país. Acabou entrando no esquema da tia Marie, porém, porque Dorothy Lamour tinha sido Miss New Orleans e porque Sophia Loren disputou o Miss Itália. (Barbara sempre quis ver uma fotografia da moça que tinha ganhado da Sophia Loren.) E também porque não aguentava mais esperar para tocar a vida adiante e precisava que alguma coisa, qualquer coisa, acontecesse. Sabia que partiria o coração de seu pai, mas primeiro queria mostrar a ele que tinha ao menos tentado ser feliz no lugar onde vivera a vida toda. Tinha feito o que podia. Tinha feito testes para as peças da escola, acabado com papéis menores e, da coxia, visto as garotas sem talento que os professores adoravam esquecer as falas e tirar todo o sentido daquelas das quais se lembravam. Tinha sido corista no Winter Gardens e ido conversar com um sujeito da sociedade dramática amadora local, o qual lhe disse que a próxima produção, *O jardim das cerejeiras*, “provavelmente não fazia seu tipo”. Ele perguntou se Barbara não queria começar vendendo ingressos e fazendo cartazes. Ela não queria. Queria que lhe dessem um roteiro engraçado que pudesse tornar mais engraçado ainda.

Queria conseguir ser feliz, claro que queria; queria não ser diferente. Suas amigas de colégio e suas colegas na seção de cos-

méticos da R.H.O. Hills não pareciam desejar a todo custo ir embora da cidade, como Barbara, que às vezes ansiava ser igual a elas. E não havia algo de infantil em querer aparecer na televisão? Será que ela não estava berrando “Olhem pra mim! Olhem pra mim!”, feito uma menininha de dois anos? Tudo bem, certo, algumas pessoas, homens de todas as idades, de fato olhavam para ela, mas não do jeito que ela queria. Olhavam para o cabelo loiro, os seios e as pernas, e jamais viam nada além disso. De modo que ia entrar no concurso e ia vencê-lo, e já temia a expressão nos olhos do pai quando ele visse que isso não faria nenhuma diferença.

O prefeito não foi direto ao ponto, pois não era seu estilo. Agradeceu a todos pela presença, fez uma piada gratuita sobre o Preston ter perdido a final da Copa da Inglaterra e outra cruel sobre sua esposa não ter podido participar do concurso naquele ano por causa de um joanete. Disse que a penca de beldades à frente dele — e era bem seu estilo usar a expressão “penca de beldades” — o fazia se orgulhar ainda mais da cidade. Todo mundo sabia que as moças eram, na maioria, turistas de Leeds, Manchester e Oldham, mas o prefeito recebeu, mesmo assim, uma entusiasmada salva de palmas nessa hora. E continuou a falar por tanto tempo que Barbara passou a tentar calcular o tamanho do público presente contando as cabeças numa fileira de espreguiçadeiras e depois multiplicando o número pelo total de fileiras, só que não chegou a terminar porque perdeu a conta olhando para a cara de uma velha com um chapéu de chuva e sem dentes, que não parava de ruminar um pedaço de sanduíche. Essa era mais uma ambição que Barbara desejava acrescentar a uma pilha já cambaleante delas: queria preservar seus dentes, ao contrário de praticamente todos os seus paren-

tes com mais de cinquenta anos. Despertou bem a tempo de ouvir seu nome e ver as outras garotas olhando para ela com sorrisos fingidos.

Não sentiu nada. Ou melhor, reparou que não sentia nada, e então se sentiu um pouco enjoada. Seria legal pensar que tinha se enganado, que não precisava abandonar seu pai e sua cidade, que aquilo era um sonho que se tornava realidade e que ela poderia viver nele pelo resto da vida. Não ousou ficar pensando muito na sua insensibilidade, para não chegar à conclusão de que era uma megera mesquinha e odiosa. Sorriu quando a mulher do prefeito foi até ela para lhe entregar a faixa, e conseguiu continuar a sorrir quando o prefeito a beijou nos lábios, mas caiu no choro quando o pai veio abraçá-la, e esse era seu jeito de dizer a ele que o que mais queria era ir embora, que se tornar Miss Blackpool não chegava nem perto de sossegar a coceira que a atormentava feito catapora.

Nunca antes tinha chorado em trajas de banho, pelo menos não depois de crescida. Maiôs não eram feitos para usar chorando, com todo aquele sol, a areia, os gritinhos e os olhares de caça dos rapazes. Era peculiar a sensação das lágrimas geladas de vento rolando por seu pescoço e pelo vão dos seios. A mulher do prefeito a enlaçou com um braço.

“Está tudo bem”, disse Barbara. “Sério. Bobeira minha.”

“Acredite ou não, sei como você se sente”, falou a mulher do prefeito. “Foi assim que a gente se conheceu. Antes da guerra. Ele era só um vereador na época.”

“A senhora foi Miss Blackpool?”, disse Barbara.

Tentou fazer a pergunta de um jeito que não sugerisse espanto, mas não estava muito certa de ter conseguido. O prefeito e a mulher eram ambos corpulentos, mas o tamanho dele parecia, por alguma razão, intencional, um sinal de sua importância, ao passo que, nela, o sobrepeso dava a impressão de ser

um erro terrível. Talvez fosse simplesmente o fato de que ele não se importava e ela, sim.

“Acredite ou não.”

As duas mulheres olharam uma para a outra. Essas coisas acontecem. Não havia necessidade de se dizer mais nada, mas então o prefeito se aproximou e falou algo mesmo assim.

“Olhando pra ela nem dá pra dizer”, falou o prefeito, pois não era seu estilo deixar o dito pelo não dito.

A esposa revirou os olhos para ele.

“Eu disse duas vezes ‘Acredite ou não’. Já admiti que não sou mais nenhuma Miss Blackpool. Mas você sempre tem que chegar mostrando toda a sua delicadeza.”

“Não escutei você dizer ‘Acredite ou não’.”

“Pois eu disse. Duas vezes. Não foi, querida?”

Barbara confirmou. Não queria se envolver, na verdade, mas pensou que pelo menos isso podia oferecer à pobre mulher.

“Bebês e profiteroles, bebês e profiteroles”, disse o prefeito.

“E você não é nenhuma pintura”, falou a esposa.

“Não sou, mas você não casou comigo por isso.”

A mulher pensou naquilo e, em silêncio, cedeu ao argumento.

“Enquanto, no seu caso, isso era tudo”, continuou o prefeito. “Você era uma pintura. Enfim...” Ele se virou para Barbara. “Você sabia que este é o maior complexo de piscinas públicas a céu aberto do mundo? E hoje é um dos dias mais importantes deste lugar, então você tem todo o direito de estar emocionada.”

Barbara fez que sim, fungou e sorriu. Não saberia nem como começar a explicar ao prefeito que o problema era exatamente o oposto daquilo que ele acabava de descrever: o dia estava sendo ainda menos importante do que ela temia.

“Aquela maldita Lucy”, disse o pai. “Ela tem culpa no cartório.”

O prefeito e a mulher pareceram confusos, mas Barbara sabia do que ele estava falando. Sentiu que seu pai a compreendia, o que tornou as coisas ainda piores.

Barbara amou Lucille Ball desde a primeira vez que viu *I Love Lucy*: tudo o que sentia ou fazia vinha daí. O mundo parecia parar durante meia hora todos os domingos, e seu pai nem se atrevia a tentar falar com ela, ou mesmo a roçar as páginas do jornal ao virá-las, enquanto passava o programa, para que Barbara não perdesse nada. Havia uma porção de outras pessoas engraçadas que ela amava: Tony Hancock, Sargento Bilko, Morecambe & Wise. Mas ela não podia ser essas pessoas, mesmo que quisesse. Eram todos homens. Tony, Ernie, Eric, Ernie... Ninguém, naquela turma, se chamava Lucy ou Barbara. Não havia garotas engraçadas.

“É só um programa”, dizia seu pai, antes ou depois da transmissão, mas nunca durante. “Um programa americano. Não é o que eu chamo de humor britânico.”

“E humor britânico... é sua definição especial pro humor feito na Grã-Bretanha, é isso?”

“Na BBC e tal.”

“Ah, entendi.”

Ela só parava de zombar dele porque se entediava, nunca porque ele se desse conta e a coisa perdesse a graça. Se tivesse que ficar em Blackpool, um de seus planos era manter uma conversa como aquela rolando pelo resto da vida.

“Pra começar, ela não é engraçada”, falava o pai.

“É a mulher mais engraçada que já apareceu na televisão”, respondia Barbara.

“Mas você nem ri dela”, o pai dizia.

Era verdade que ela não ria, mas isso porque, em geral, já

tinha assistido aos programas. Agora estava por demais entretida tentando ver tudo em câmera lenta de modo a conseguir lembrar. Se houvesse um jeito de ver Lucy todos os dias da semana, Barbara veria, mas não havia, então simplesmente precisava se concentrar mais do que já tinha feito com qualquer outra coisa e acreditar que algo ficaria nela.

“Enfim, você me manda ficar quieta quando estão anunciando no rádio os resultados do futebol”, ela retrucava.

“Sim, por causa da loteria”, dizia o pai. “Um daqueles resultados talvez faça a gente mudar de vida.”

O que ela não conseguia explicar sem soar tola era que *I Love Lucy* tinha exatamente o mesmo poder da loteria. Um dia, uma das expressões ou tiradas de Lucy mudaria a vida de Barbara, e talvez até a do pai também. Lucy já havia mudado sua vida, se bem que não para melhor: o programa tinha conseguido afastá-la de todo mundo — dos amigos, da família, das outras garotas do trabalho. Às vezes ela sentia que era um pouco como ser religioso. Barbara levava tão a sério ver comédia na tevê que as pessoas achavam aquilo um pouco esquisito, de modo que acabou parando de falar do assunto.

O fotógrafo da *Evening Gazette* se apresentou e conduziu Barbara na direção dos trampolins.

“Você é o Len Phillips?”, disse o pai dela. “Está de sacanagem comigo?”

Ele reconheceu o nome de Len Phillips do jornal e por isso se admirava, como se estivesse diante de uma celebridade. Meu Deus, pensou Barbara. E ele ainda se pergunta por que quero dar o fora daqui.

“Dá pra acreditar nisso, Barbara? O sr. Phillips veio pessoalmente fotografar você aqui nas piscinas.”

“Pode me chamar de Len.”

“Sério? Muito obrigado.” George pareceu um pouco desconfortável, porém, como se a honra ainda não fosse merecida.

“É, bom, o jornal provavelmente não conta com uma equipe de mil pessoas”, falou Barbara.

“A equipe sou eu e outro rapaz, às vezes”, disse Len. “E hoje é um dia dos mais importantes pra Blackpool. Seria uma tolice deixar o trabalho pro garoto.”

Ele gesticulou para que Barbara recuasse um pouco.

“Diga xis”, falou o pai. “Ou só amadores fazem isso?”

“Não, a gente também. Mas às vezes grito ‘Olha o passariinho!’, só pra variar.”

George riu e balançou a cabeça, admirado. Estava se divertindo como nunca, Barbara podia ver.

“Nada de namorado?”, perguntou Len.

“Ele não conseguiu folga no trabalho, Len”, contou George. Fez uma pausa, claramente se perguntando se não estava se permitindo muita intimidade cedo demais. “Parece que estão com pouco pessoal, por causa das férias. A tia dela, Marie, também não pôde vir: foi passar quinze dias na Ilha de Man. Não tirava férias fazia sete anos. Só uma viagem de trailer, mas sabe como é. Mudar de ares ajuda a relaxar.”

“Você devia estar anotando tudo, Len”, disse Barbara. “Trailer. Ilha de Man. Mudar de ares ajuda a relaxar. Ela foi só com o tio Jack, pai? Ou os meninos foram também?”

“Ele não quer saber de tantos pormenores”, disse o pai.

“Onde ela trabalha?”, quis saber Len, com um movimento de cabeça na direção de Barbara.

“Não sei. A gente devia perguntar pra ela”, falou Barbara.

“Na seção de cosméticos da R.H.O. Hills”, o pai respondeu. “E o Aidan trabalha na de moda masculina. Foi assim que se conheceram.”

“Bom, agora ela não deve continuar lá por muito tempo, não é?”, disse o fotógrafo.

“Não deve?”, falou George.

“Estou sempre fotografando a Miss Blackpool da vez. Hospitais, exposições, bailes de caridade... Ela vai ter muitos compromissos. Vai ser um ano agitado. Vamos nos ver bastante, Barbara, então você vai ter que se acostumar com minha cara feia.”

“Ah, meu Deus”, falou o pai. “Você ouviu isso, Barbara?”

Hospitais? Bailes de caridade? O ano inteiro? Onde é que ela estava com a cabeça? Tia Marie tinha falado das inaugurações de lojas e do show de luzes natalinas, mas Barbara não havia pensado no quanto decepcionaria as pessoas se desaparecesse, tampouco que ainda seria Miss Blackpool dali a trezentos e sessenta e quatro dias. Soube, ali mesmo, que não queria ser Miss Blackpool nem pela próxima hora.

“Aonde ela vai?”, disse Len.

“Aonde você vai?”, perguntou o pai.

Quinze minutos mais tarde, a finalista Sheila Jenkinson, uma ruiva alta e sonsa de Skelmersdale, era quem usava a coroa, e Barbara e seu pai estavam num táxi a caminho de casa. Ela foi embora para Londres na semana seguinte.